

DANIEL
BARROS

MESA POSTA
PRATOS FRIOS

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023



I

UMA SOMBRA DE DOR E TRISTEZA encobria a beleza do entardecer no Planalto Central. A honra e a coragem de um homem o levaram àquele triste momento. Os poderosos deram seu recado às pessoas que buscam, na lei, a Justiça. Interpretações nada imparciais colocaram em liberdade um criminoso contumaz. A Justiça tem venda nos olhos, mas tem, igualmente, as mãos livres para desvendar-se quando bem queira, sobretudo quando os réus são de sua própria casta.

O helicóptero fazia voos rasantes sobre o funeral, como nunca se havia visto. A expressão de raiva dos policiais era nítida. Alguns deles, designados para a salva de tiros, não continham as lágrimas. Pétalas de rosa eram lançadas da aeronave policial. Catarina trajava vestido e chapéu pretos, portava uma rosa vermelha na mão e o crucifixo de ouro, que fora de Alcides, no pescoço. Por um pedido dela, o caixão estava fechado. O sentimento era de muita revolta. Nenhum membro da família dele compareceu ao enterro, apenas Catarina, que não permitiu discursos. Silenciosamente, ela esperou o caixão baixar, jogou a rosa e saiu devagar.

Catarina, escoltada pela equipe de Alcides, foi levada até um carro de vidros escuros que a aguardava no



estacionamento do cemitério. Um policial abriu a porta de trás do automóvel e ela entrou. Dentro estava Maria, uma integrante do grupo, vestida igual à Catarina. Pedro ocupou o banco da frente, ao passo que Alberto assumiu a direção. Tomaram o rumo do apartamento de Catarina. Chegaram ao local, pararam fora do edifício e, rapidamente, Maria desceu, cabeça baixa e o chapéu cobrindo-lhe o rosto. Entrou no prédio. Em seguida, a viatura saiu em alta velocidade percorrendo várias vias e diversas tesourinhas para certificar-se de que não estava sendo seguida.

Um ano depois

ERA TARDE DA NOITE quando o celular de Ximenes tocou, na realidade vibrou, e a luz iluminou a cabeceira da cama. À noite, deixava o aparelho no silencioso para não incomodar a esposa. Saiu do quarto para atender a ligação. Àquela hora da noite, ser procurado pelo delegado-chefe da Divisão de Homicídio não significava coisa boa.

— Fala, doutor. O senhor me ligando, morreu algum fodão?

— Porra, Ximenes! Mataram um dos nossos!

No mesmo instante, Ximenes empacou e sentiu um arrepio percorrer-lhe o espinhaço. A morte de um colega, mesmo os desconhecidos, era sentida com um enorme desconforto e angústia.

— Estou sem viatura, baixei a minha para revisão, mas vou acionar a equipe para me pegar agora mesmo. Quem foi? Algum conhecido nosso?

— Sim. O doutor José Pipoca, delegado-chefe da Entorpecentes.

Ximenes sentiu certo alívio ao ouvir o nome do delegado, para imediatamente recriminar-se. José Pipoca ficara muito malvisto após a morte de Alcides, afinal os colegas acreditavam

que as informações passadas por ele para a imprensa resultaram na soltura de Sérgio Camaral, traficante responsável pela morte do policial.

— Vou em meu próprio carro. Onde foi?

— Não precisa. Já estou a caminho daí, acione o restante da equipe e mande direto para o local. Foi no Parque da Cidade, estacionamento do Bar Barulho.

Ximenes voltou ao quarto, pegou uma roupa e entrou no banheiro para vestir-se. Enquanto se trocava, a porta foi aberta. A esposa, com olhos miúdos e um leve bocejo, indagou:

— Acionado novamente? Pensei que esses chamados diminuiriam depois que se tornou investigador-chefe. Mas parece que piorou.

— Volte a dormir, querida, faz de conta que estou na cama. Quando acordar, já estarei em casa.

— Você sempre diz isso. Vou te esperar para o jantar.

Sob os protestos de Ximenes, a esposa vestiu um agasalho e o acompanhou até o portão. Depois de uma boa espera, a viatura do delegado chegou. Despediu-se da mulher e entrou no carro.



II

GUILHERME LOURENÇO não tinha quase nenhuma informação sobre o caso. Apenas que José Pipoca havia sido baleado. O crime ocorreu no estacionamento 11 do Parque da Cidade. Ximenes estranhou o local: conhecido ponto de encontro de homossexuais. Não devia estar trabalhando, pois, se estivesse, teria cobertura. O que fazia lá? Era a primeira pergunta a ser respondida. O delegado Guilherme não soube responder. Disse que topara com o colega uma semana antes e que ele estava muito contente. Diferentemente das outras vezes em que se encontraram, depois da morte de Alcides e dos boatos de que José Pipoca fora responsável pela soltura de Sérgio Camaral. Esse fato o deixara isolado na polícia, mas, no último encontro, deixou transparecer que algo bom havia ocorrido, concluiu Guilherme. Ximenes sabia que não eram boatos, entretanto não quis se indispor com Guilherme naquele momento, sobretudo ao perceber que ambos eram próximos.

A uma boa distância, era possível avistar as luzes de diversas viaturas policiais. Até mesmo a perícia já estava lá. Ximenes gostava de chegar o mais rápido possível aos locais de homicídios, mas Guilherme demorara horrores para buscá-lo, talvez para colocar o terno tão bem alinhado e tão desnecessário para



a oportunidade. A presença do delegado-chefe da circunscriçional na cena do crime incomodou Guilherme Lourenço:

— Puta merda! A delegacia da área vai querer ficar com o caso.

— Na realidade, doutor, a investigação é deles. Só viemos para o apoio. Essa é a norma: primeiro eles; caso não resolvam, nós assumimos.

— Um caralho! Vou ligar agora mesmo para o diretor-geral. Esta ocorrência será nossa. Imagine a repercussão!

Imediatamente, ligou e implorou pelo caso. Justificando: era um colega delegado e merecia a atenção da Divisão de Homicídio e Proteção à pessoa (DHPP), que com certeza tinha mais recurso. Para o velho diretor, não importava quem ficaria com a ocorrência, o importante era ser solucionada. Desembarcaram da viatura e Guilherme se dirigiu ao delegado da área. Ximenes foi ao encontro de sua equipe, que já havia chegado e conversava com os investigadores locais. A discussão dos delegados chamou a atenção de todos.

— O que temos aqui? — perguntou Ximenes.

— Estouraram a cara do doutor Pipoca. A perícia ainda não terminou, mas já vimos que não levaram nada. A arma estava do lado do corpo, o celular no console do carro, então “latro” tá fora de questão. Os colegas da entorpecente falaram que não tinham nenhuma investigação aqui, muito menos sendo conduzida por ele.

— Alguma testemunha?

— Conversamos com o gerente do bar. Ele estava chegando para o trabalho, quando viu o carro parado com um homem dentro, provavelmente o doutor José Pipoca, e percebeu

que olhava o celular, pois dava para ver a luz do aparelho iluminando o rosto. O carro estava no final do estacionamento, distante dele, mas o gerente reconheceu que era o mesmo automóvel.

— Que porra esse cara estava fazendo aqui no estacionamento de um bar gay? — perguntou Ximenes.

— Pois é, precisamos ver o celular, mas a perícia mal começou e o aparelho está lá dentro.

Ximenes olhou e reconheceu o doutor Couto na equipe de perícia. Haviam feito um curso de homicídios juntos, oferecido pela embaixada da França, e lá ficaram amigos. Pensou em pedir para ele mudar só um pouco a dinâmica da perícia para eles poderem acessar o celular da vítima. O perito fez algumas observações e fotografou o interior do veículo. O corpo estava caído próximo à porta do motorista, a arma do lado demonstrava que tentou reagir. A porta do passageiro ainda se encontrava trancada, portanto, o possível autor não estava dentro, nem entrou no automóvel. Couto pegou o celular do morto e passou para Ximenes, que verificou que tinha algum tipo de bloqueio.

— Caralho! Óbvio que tem senha!

— Mexe não! — exclamou Flávio, um dos policiais novatos do grupo. — Se não for senha numérica, podemos ver a marca dos dedos que traçaram o código.

Enquanto isso, os delegados ainda discutiam sobre quem comandaria a investigação, até que Guilherme Lourenço, arrogantemente, pegou o telefone e ligou de novo para o diretor-geral. Em seguida, entregou o aparelho ao colega, que ouviu a ordem superior e por muito pouco não arrebitou

o celular de Guilherme no chão. Ximenes aproximou-se dos dois.

— Doutor. Precisamos conversar.

O novato conseguira desbloquear o aparelho e encontrara uma pista importante. A última ligação, a conversa entre José Pipoca e a pessoa que ligou.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em fevereiro de 2023.

